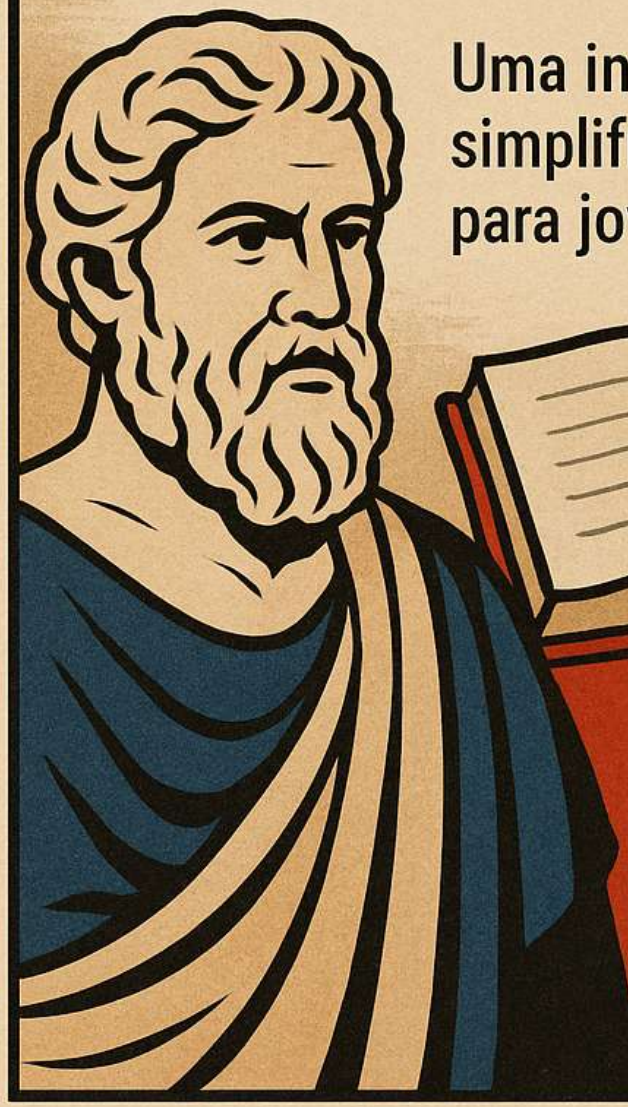
No PRINCÍPIO ERA A FILOSOFIA

Uma introdução simplificada à filosofia para jovens mentes



Al-Hussein bin Haidar

NO PRINCÍPIO ERA A FILOSOFIA

UMA INTRODUÇÃO SIMPLIFICADA À FILOSOFIA PARA JOVENS MENTES

Autor: Al-Hussein bin Haidar

O filósofo sabe como as pessoas devem viver.

— Platão, o Sábio

INTRODUÇÃO AO LIVRO

A criança emerge do ventre materno para a vastidão deste mundo — estranhada e chorando. É precisamente neste instante que a filosofia começa. Sua jornada rumo ao conhecimento de todas as coisas inicia-se ao voltar-se para sua mãe, para seu seio em busca de alimento, e, simultaneamente, ao se questionar sobre os fundamentos da existência: De onde vim? Quem me trouxe à existência? Quem sou eu? Quem é esta mulher? Que mundo é este no qual adentrei? E qual é o meu destino final?

Começa a ouvir sons ao seu redor, percebe luzes e cores — distingue entre aromas agradáveis e desagradáveis, deleitando-se com os primeiros e repelindo os segundos. Observa, explora, constrói quadros conceituais, busca evidências e formula juízos. A jornada do assombro e da descoberta o acompanha por toda a vida, salvo se for interrompida por algum obstáculo interno ou externo nas diversas etapas de sua existência, ou se um desvio filosófico o afastar da verdadeira filosofia e do caminho reto.

A criança nasce filósofa — formula perguntas incessantes, movida por um impulso irresistível de compreender o mundo e seus entes. Esse impulso é aceso pela maravilha ou pela dúvida, buscando compreender o ser e seu lugar nele. Permanece filósofo enquanto encontra um sábio que saiba responder adequadamente; caso contrário, sua capacidade de assombro se embota, e sua busca pela perfeição definha.

Esse questionamento incessante — essa indagação constante — é a filosofia. Filosofia é o ato contínuo de perguntar. É um

instinto incrustado em todos os aspectos da existência. Como disse o filósofo al-Fārābī: “Não há nada no universo em que a filosofia não tenha papel, para o qual ela não oriente um propósito, ou do qual ela não extraia conhecimento dentro dos limites da capacidade humana.”

Ninguém repudia mais a filosofia do que aquele que a ignora. A humanidade passou por épocas em que a filosofia foi renunciada e tachada de sofisma, o que levou à perplexidade coletiva, à pobreza intelectual e à confusão moral. Tal resultado é esperado sempre que a razão é marginalizada ou declarada nula.

E de fato, como diz o adágio: “Quem ignora algo, naturalmente o rejeita.” A causa dessa rejeição é, ou a incapacidade de compreender os pensamentos e a terminologia dos filósofos, ou a dificuldade de distinguir entre a filosofia autêntica e as escolas divergentes que se afastaram de seu curso original.

Hoje não há espaço para a rejeição da filosofia, pois o mundo é governado por escolas filosóficas — não há como escapar da filosofia! Ela é a tábua de salvação nesta era, em que o ateísmo e o materialismo proliferam. Nenhuma filosofia pode ser confrontada senão por outra filosofia — a filosofia é, em si, a resposta à filosofia.

Muitos livros foram escritos com o intuito de introduzir a filosofia aos não especialistas, mas um grande número deles adota abordagens inacessíveis, enquanto outros se destinam a estudantes acadêmicos avançados. Por outro lado, certos textos advertem contra a filosofia, e plataformas públicas têm incitado oposição contra ela.

Dessa forma, a juventude de hoje se vê entre dois obstáculos. Este livro foi, pois, redigido para o aprendiz iniciante, com o

objetivo de esclarecer os princípios da filosofia e os marcos da sabedoria de modo simples e acessível. Fornece aos jovens uma concepção clara da filosofia e os auxilia a iniciar sua jornada de compreensão de si mesmos e do mundo ao seu redor — especialmente na era da modernidade.

Tenho o anseio de que a geração emergente possa haurir uma porção deste mar profundo e revigorante, na esperança de que se purifique da imundície da ignorância ou sacie sua sede intelectual.

FILOSOFIA

A filosofia é uma ciência racional que investiga os princípios e as causas das coisas. Possui uma definição tanto geral quanto específica. No seu sentido geral, a filosofia refere-se a todas as ciências racionais, em contraste com as ciências transmitidas ou tradicionais. Por isso, é frequentemente chamada de "mãe das ciências" e a porta de entrada para todos os ramos do saber. Toda ciência depende da filosofia para a validação do seu objeto de estudo, ao passo que a filosofia não depende de nenhuma outra ciência para validar o seu próprio objeto. É isso que torna a filosofia a mais nobre entre todas as ciências — de fato, a mais distinta sob todos os aspectos.

No seu sentido específico, a filosofia é a ciência que estuda os estados do ser na medida em que ele é ser.

Na realidade, a definição da filosofia varia entre os filósofos: o que pode ser aceito por um filósofo metafísico, pode ser rejeitado por um empirista, e ambos podem ser refutados por um marxista. No entanto, muitas vezes as coisas tornam-se mais compreensíveis e claras por meio de seus opostos. Nessa perspectiva, a filosofia se opõe à sofística. A filosofia sustenta o realismo e busca a verdade, enquanto a sofística nega o realismo e se ocupa apenas de disputas, falácias e argumentações obstinadas. Assim, nada evidencia melhor o mérito da filosofia do que seu contraste com a sofística.

Etimologicamente, a palavra "filosofia" deriva do termo grego Philosophia, que significa amor, busca e cultivo da sabedoria. Alguns sábios islâmicos referiam-se a ela como "sabedoria divina". A sabedoria, nesse contexto, é definida como a

capacidade humana de distinguir a verdade da ilusão. Isso oferece alguma luz sobre o que significa a filosofia, mesmo que o sofista se recuse a aceitá-la.

De qualquer modo, o intelecto ou a razão é a fonte fundamental do conhecimento na filosofia. A filosofia implica levantar questões significativas e proveitosas, motivadas pela razão e pelo pensamento, e oferecer respostas igualmente racionais e benéficas. Essas perguntas são intermináveis; de fato, uma única pergunta frequentemente leva a outras mil.

A filosofia trata de questões sobre o ser enquanto ser — isto é, o ser em seu sentido mais absoluto e geral. Examina atributos essenciais e elementos comuns a todos os entes. As outras ciências, em contraste, focam em aspectos particulares e domínios específicos. Seu objeto é o ser restrito: por exemplo, as ciências naturais investigam o ser enquanto corpóreo, e a matemática examina o ser enquanto quantidade. Assim, nenhuma ciência além da filosofia oferece uma compreensão abrangente da existência. [1]

Portanto, a filosofia não é uma ciência com um fim externo, nem uma ciência meramente instrumental subordinada a outras; ela é, antes, o objetivo último de todas as ciências.

Tradicionalmente, a filosofia é dividida em dois ramos principais: teórico e prático. A sabedoria teórica lida com objetos de conhecimento que estão além do controle ou da vontade humana. Já a sabedoria prática trata das ações

1 A filosofia, em seu sentido específico, é a ciência que investiga os estados do ser na medida em que ele é ser. Por “ser”, entende-se tudo aquilo que existe; e por “na medida em que é ser”, refere-se ao aspecto que todos os entes compartilham em comum — a saber, a própria existência. A filosofia não se ocupa daquilo que é particular a um ente específico, nem de suas características individuais.

humanas que estão dentro da capacidade e da agência do indivíduo.[2]

Em suma, a filosofia abrange duas dimensões fundamentais:

1. Uma dimensão contemplativa e exploratória — esta é a filosofia teórica.
2. Uma dimensão aplicada, que envolve doutrinas filosóficas implementáveis — esta é a filosofia prática, frequentemente chamada de ideologia.

Campos como a teoria dos valores e a epistemologia incluem tanto aspectos teóricos quanto práticos.

O filósofo é aquele que adota o caminho metodológico dos filósofos em todas as dimensões intelectuais, compreende sua terminologia, vivencia as questões e problemáticas de seu tempo e vagueia livremente com seu pensamento neste vasto existir.

Quanto aos teólogos que adentraram os domínios da filosofia segundo sua própria abordagem, são denominados mutakallimūn (teólogos dialéticos), e não são descritos como filósofos. O exemplo mais claro é Al-Ghazālī, o mutakallim islâmico. O campo desses pensadores é o ʿilm al-kalām (a ciência da teologia), a qual difere da filosofia tanto na forma de investigação quanto no tratamento das questões. A terminologia desse saber também se distingue daquela usada pelos filósofos — razão pela qual os filósofos, com frequência, rejeitaram os teólogos.

2 A sabedoria teórica e a sabedoria prática estão ambas ligadas ao intelecto teórico. No entanto, o intelecto teórico e o intelecto prático são duas faculdades distintas.

O conflito que ocorreu entre Al-Ghazālī e Ibn Rushd (Averróis) é, portanto, um conflito entre um teólogo e um filósofo — não entre dois filósofos. Alguns, no entanto, consideraram Al-Ghazālī um filósofo por ter pensado, em certos assuntos, segundo categorias filosóficas, ou por ter inicialmente adotado o método e o espírito da filosofia antes de, por fim, se voltar contra ela.

ASSIM, O VERDADEIRO FILÓSOFO É AQUELE QUE POSSUI O ESPÍRITO FILOSÓFICO

Mas quais são, afinal, as características desse espírito?

(1Dúvida Metodológica ou Pensamento Crítico[3]

O filósofo não segue cegamente as ideias dos outros, tampouco se rebela por puro espírito de oposição. É verdade que, entre os filósofos, encontramos tanto aqueles que foram excessivamente condescendentes quanto os que rejeitaram teimosamente as opiniões alheias. Porém, o verdadeiro filósofo distingue-se por sua independência em relação a todas as influências externas, aliada a um discernimento racional. Sua única preocupação é a busca pela verdade e pela realidade tal como são.

O filósofo adota o método da dúvida — não como fim em si mesmo, mas como meio para alcançar a verdade e a realidade objetiva. Ele se distancia da certeza dogmática e dos juízos absolutos. A dúvida metodológica, portanto, não é ceticismo em sentido destrutivo, mas uma estratégia racional e deliberada para sondar e questionar os pressupostos, a fim de desvelar o que é verdadeiramente real e válido.

---

[3] A dúvida metodológica foi adotada por **Al-Ghazālī**, extraída da tradição dos teólogos muçulmanos (*mutakallimūn*), e ele a estabeleceu como um método científico para alcançar a certeza. Posteriormente, **René Descartes** empregou a mesma abordagem. Entretanto, há uma distinção fundamental entre a **dúvida científica metodológica** e as **dúvidas sofísticas** dos céticos, bem como as **dúvidas patológicas** dos mentalmente perturbados.

(2Pensamento Metódico
O filósofo não se satisfaz com pensamentos superficiais, reflexões simplistas ou perspectivas estreitas. Ao contrário, emprega a razão, a profundidade, a abrangência, a análise, a síntese, a crítica e o mergulho no pensamento e na contemplação. A filosofia caracteriza-se por uma investigação holística, sem negligenciar os particulares; pois o universal não exclui o particular, mas antes o define e o completa.

3) Questionamento e Resposta
Na filosofia, as perguntas são mais importantes do que as respostas. A mente filosófica interroga todo fenômeno, todo acontecimento — questiona o quê, como e em que medida — buscando a essência de todas as coisas.

4) Desapego das Emoções e dos Juízos Precipitados
A deliberação racional é uma marca distintiva do filósofo. Ele aborda a investigação livre de vieses emocionais e julgamentos prévios.

5) Abstração
A abstração é um processo intelectual no qual a mente humana isola uma qualidade ou relação do tempo, do espaço e da matéria, concentrando o pensamento exclusivamente sobre ela. O concreto é o oposto do abstrato: aquilo que está definido no espaço, no tempo ou na matéria — ou seja, o que é perceptível.

6) Flexibilidade e Rejeição do Dogmatismo

O filósofo evita a rigidez e as afirmações absolutas, exceto em questões de certeza e axiomas estabelecidos.

A REVOLUÇÃO FILOSÓFICA: UM DESPERTAR INTELECTUAL DO DESCANSO À CONSCIÊNCIA

A filosofia surge de eventos que comovem e afetam profundamente o ser humano, despertando-o da apatia intelectual ou da estagnação mental e guiando-o em direção à luz e à vastidão do existir. O homem possui uma certeza inata de sua própria existência, a partir da qual parte em busca de outras certezas que transcendem o eu — por meio da contemplação, da reflexão e da investigação. O grau de envolvimento de alguém com a filosofia é proporcional à quantidade de causas motivadoras, e a qualidade desse envolvimento é moldada pela profundidade e natureza dessas causas.

Esses catalisadores filosóficos podem ser sintetizados nos seguintes pontos:
1 .Assombro
O assombro é um impulso fundamental que acompanha o ser humano desde o nascimento até o fim da vida. Assim que a pessoa entra no mundo, o assombro começa a se agitar dentro dela. Ela busca compreender a si mesma, a natureza da existência e seu destino último. Por isso, pergunta: “De onde vim”?

O papel do filósofo, com relação a si mesmo, é o de mergulhar na contemplação até que o assombro se transforme em clareza. Com relação aos outros, seu dever é dissipar a confusão por meio do ensino e da explicação. Ele não deve, como os sofistas ou certos filósofos pretensiosos, tornar-se fonte de

perplexidade e desorientação — aqueles que, por arrogância, imaginaram poder legislar verdades universais e se desviar das leis divinas e naturais. Tal tendência foi, de fato, abraçada pela modernidade ocidental.

2 .Dúvida Epistemológica Metodológica
Dúvida sistemática orientada para a descoberta dos fundamentos do conhecimento.

3 .O Chamado da Consciência
É a voz interior divina incrustada em toda alma humana. Foi esse chamado que despertou o impulso filosófico entre os antigos filósofos gregos, motivando-os a enfrentar os sofistas.

4 .A Busca Humana Inata pela Perfeição
Trata-se de um instinto persistente. O desejo humano de continuidade e sobrevivência surge quando se torna certa, para ele, a realidade da morte. Ao perceber que morrerá inevitavelmente, o ser humano anseia por uma ligação inquebrantável com o Ser eterno — Deus. Assim, pergunta: "Para onde estou indo?" Pois, ao conhecer a perfeição, a majestade, a grandeza, a glória, a beleza, o poder e a força de Deus, ele é impelido a buscar um conhecimento de Deus que seja eterno e imperecível.

.5**A Experiência da Miséria e da Confusão Existencial**
Essa agitação interior atua como um potente catalisador da reflexão filosófica. Um indivíduo, oprimido pelo sofrimento, começa a questionar: Qual é a origem da minha miséria? Por

que me sinto perdido? O que está na raiz da minha confusão? E onde reside a libertação?

Tais interrogações desencadeiam uma revolução intelectual que leva o sujeito a examinar a realidade do próprio eu. À medida que essa jornada introspectiva se aprofunda, a mente se expande, alcançando dimensões mais amplas de compreensão.

Por meio da contemplação, o indivíduo aflito passa a reconhecer que a filosofia oferece não apenas um caminho para a clareza interior, mas também um meio de reconquistar sua plena humanidade.

A UNIDADE FILOSÓFICA DO PENSAMENTO

A Unidade da Filosofia: Uma Disciplina Universal para Além do Tempo, Lugar e Cultura

Está estabelecido que a filosofia é uma disposição e um instinto inatos, e que a verdadeira filosofia constitui uma ciência única e unificada, comum a todas as religiões e nações, entre todos os seres humanos. Ela não varia conforme o tempo ou o lugar, nem está limitada a qualquer um deles. A filosofia é a descoberta daquilo que o universo contém — das coisas, das leis e das constantes nele depositadas por Deus. Quanto às doutrinas e visões que se desviam do caminho verdadeiro, estas são atribuídas aos seus proponentes, e não à filosofia autêntica.

O pensamento filosófico verdadeiro é aquilo que designamos simplesmente e de forma absoluta como "filosofia". Já as ideias filosóficas particulares ou individuais, nós as atribuímos ao seu autor e as associamos a ele pessoalmente. Assim, dizemos "a filosofia de fulano de tal", ou qualificamos essas ideias com um adjetivo, como "filosofia pessimista" ou "filosofia americana."

A verdadeira filosofia é una; é o caminho central que corresponde à realidade tal como ela é. Este caminho está, necessariamente, em harmonia com a verdade. As diversas escolas filosóficas, doutrinas conflitantes e refutações mútuas entre pensadores surgem, muitas vezes, por influência do

tempo, do lugar, do pano de fundo religioso ou dos sistemas políticos. A essência de tais divergências reside na incapacidade de praticar a abstração — tanto no pensamento quanto na busca pela verdade. Cada filósofo parte de sua própria cosmovisão, sem o necessário distanciamento…
Essas anomalias e dogmatismos são, em geral, falsos — embora possam conter, em certos detalhes, elementos de sabedoria. O que resolve, em última instância, tais disputas é a epistemologia, ou filosofia do conhecimento. A filosofia, portanto, não admite revogação, nem está sujeita a mudança ou alteração.

Na realidade, os conflitos entre os filósofos não são destituídos de utilidade. Do choque de suas ideias emergem percepções, noções e conceitos. A filosofia grega se destacou e se difundiu amplamente graças ao confronto com os sofistas, que haviam ascendido às posições mais elevadas na sociedade grega, entregando-se à arrogância e adotando o raciocínio falacioso como modo de vida. Negavam as realidades das coisas, desprezavam as pessoas e cultivavam um senso exagerado de superioridade. [4]

Em resposta, levantaram-se os verdadeiros sábios — aqueles que se libertaram das correntes da tradição. Sua filosofia foi purificada das impurezas e dos acréscimos culturais. Espalharam a sabedoria entre o povo, e seus discípulos a

[4] A filosofia existiu em todas as civilizações e sociedades, tanto antigas quanto modernas — como a filosofia indiana, a filosofia chinesa e a filosofia persa (pahlavi). Mesmo durante o mesmo período histórico da filosofia grega, o confucionismo florescia.

preservaram por meio da escrita. Elevados em pensamento e contemplação, começaram pela Causa Primeira. A partir desse princípio metafísico supremo, lançaram sua filosofia como um raio sobre as cabeças dos sofistas, derrubando-os. Trouxeram a sabedoria dos céus… [5]

Iniciou-se assim uma revolução consciente — uma transformação que começou a remodelar o mundo e a disseminar o conhecimento e a consciência pela terra habitada. Isso marcou o início de uma nova fase que prepararia o caminho para a vinda do Messias, Jesus. No entanto, após seu tempo, o cristianismo se espalhou sob a doutrina da Trindade — um conceito fundamentalmente incompatível com a filosofia. Como resultado, os imperadores passaram a reprimir a investigação filosófica, mergulhando a Europa em uma era prolongada de escuridão, posteriormente denominada pelos historiadores ocidentais como Idade Média.

Essas transformações históricas também prenunciaram o advento do Selo dos Profetas, Muhammad. Nos dois séculos que antecederam seu nascimento, o mundo estava mergulhado em profunda confusão e incerteza existencial. Os relatos

[5] Um dos líderes do comunismo declarou certa vez: **“Trouxemos a filosofia do céu para a terra”**, querendo com isso rejeitar a ciência divina — a ontologia — e concentrar-se, em vez disso, numa filosofia voltada para a condição humana.

Na Antiguidade, dizia-se algo semelhante: que o sábio **Sócrates** havia trazido a filosofia do céu para a terra, no sentido de que ele andava entre as pessoas comuns nos mercados, simulando ignorância para exortá-las por meio do método da **“ironia e maiêutica.”** Ao formular perguntas, levava-as a reconhecer o erro de seu pensamento ou, caso respondessem de forma incorreta, ele criticava suas respostas e revelava as falhas em seu raciocínio.

A sofística havia se tornado um fenômeno social disseminado, e por meio de sua sabedoria, Sócrates redirecionou as pessoas à racionalidade e introduziu a filosofia em todos os lares.

históricos falam de indivíduos e comunidades vagando em busca de um saber que pudesse libertá-los das realidades opressoras do seu tempo. Era uma era marcada por intensas turbulências políticas, religiosas e ideológicas.

Compreende-se, assim, por que **al-Fārābī** compôs seu tratado *A Harmonização dos Pontos de Vista dos Dois Sábios*. Ele acreditava que a filosofia é uma ciência una, e que os desacordos entre os discípulos de **Platão** († 347 a.C.) e **Aristóteles** († 322 a.C.) eram fruto de partidarismo e divergência. De fato, o suposto desacordo entre os dois sábios em certas questões é, em grande parte, ilusório — e não real.

Com efeito, a verdadeira filosofia não contradiz o Islã nem a teologia. O que entra em conflito com a teologia são as doutrinas filosóficas específicas e as ideologias atribuídas a indivíduos, chamadas de “filosofia” apenas porque seus proponentes adotaram métodos de razão e investigação intelectual em suas reflexões — ainda que suas conclusões fossem falhas ou divorciadas da realidade.

Os muçulmanos, na verdade, contribuíram para a filosofia com notável criatividade. No entanto, ironicamente, muitos muçulmanos hoje subestimam esse legado e raramente o reconhecem em seus escritos modernos.

Em suma, é verdade que a filosofia se caracteriza pela individualidade e pela criatividade; ainda assim, afirmamos com firmeza que a filosofia, em sua essência, é una e imutável.

Nos anos que antecederam seu nascimento, o mundo encontrava-se mergulhado em profunda confusão e incerteza existencial. Os relatos históricos mencionam indivíduos e comunidades errantes, em busca de um saber que pudesse libertá-los das realidades opressoras de seu tempo. Era uma época marcada por intensas turbulências políticas, religiosas e ideológicas.
Os muçulmanos, na verdade, contribuíram para a filosofia com notável criatividade. No entanto, ironicamente, muitos muçulmanos hoje subestimam esse legado e raramente o reconhecem em seus escritos modernos.

Em suma, é verdade que a filosofia se caracteriza pela individualidade e pela criatividade; não obstante, afirmamos com firmeza que a filosofia, em sua essência, é una e imutável.

O BENEFÍCIO DA FILOSOFIA

1. **O ser humano, por sua própria natureza, tende à busca do conhecimento.** Ele possui uma paixão inata por desvendar as verdades como elas são e por compreender a realidade tal como ela realmente existe. Está em sua disposição abstrair verdades e realidades das ilusões e convenções.
2. **Conhecimento de Deus, a quem os filósofos chamam de Causa Primeira** — além da qual não há outra causa, sendo o termo final da cadeia dos entes. A filosofia deve conduzir-nos a uma conclusão que represente o fim da investigação: a afirmação da unidade divina (tawḥīd). O politeísmo não encontra espaço na verdadeira filosofia. Sim, alguns filósofos foram ateus, mas isso se deve ao desprezo que tinham pela investigação metafísica, à sua rejeição dessa via e à abordagem fragmentada da filosofia, sem passarem pela sua porta legítima...
3. **Aprofundar a compreensão da existência e rejeitar o pensamento superficial ou espontâneo.** Não se pode realmente compreender o "eu" sem uma visão abrangente da existência. A filosofia é, portanto, uma forma de disciplina mental e fortalece as faculdades intelectuais.
4. **Estabelecer o objeto de estudo de todas as demais ciências.** A filosofia se beneficia dos resultados das outras ciências e os utiliza para formar suas próprias teorias e para afirmar as verdades às quais chega.
5. **Afirmar a validade e a universalidade das leis científicas** — leis que não são parciais, mas absolutas:

a lei da identidade, a lei da causalidade, a lei da não contradição e a lei da impossibilidade do círculo vicioso e da regressão infinita.

6. **Alcançar o conhecimento das causas últimas das coisas e de seus princípios primeiros.**
7. **Abandonar a filosofia é como entrar numa batalha sem arma.** O mundo de hoje é governado por doutrinas e ideologias filosóficas — estejam elas alinhadas com a verdade ou não. A humanidade vive, atualmente, numa era de modernidade imposta pelas potências globais como se fosse uma lei divina universal, manifestando-se em formas econômicas, políticas, sociais, científicas e culturais. Trata-se de uma falácia que o método filosófico expõe e que a epistemologia rejeita categoricamente.

Como afirma o Dr. **Mohammed Sabila**, na introdução de seu livro Órbitas da Modernidade:

"A filosofia não é apenas um voo no céu dos conceitos abstratos, nem está confinada à reflexão sobre grandes noções como razão, liberdade ou destino. Ela é também uma abertura à realidade, para compreender seus componentes e suas direções."

O MÉTODO DOS FILÓSOFOS

O método empregado pelos filósofos para compreender a existência é o **método racional**. Ele consiste em organizar premissas conhecidas com o fim de alcançar verdades desconhecidas. Trata-se do **silogismo**, cujas premissas são **demonstrativas**, e não meramente dialéticas ou retóricas. O resultado obtido por meio desse silogismo é uma **conclusão certa** — certa no sentido mais rigoroso do termo, ou seja, uma convicção firme em conformidade com a realidade.

O filósofo inicia por si mesmo — por sua própria consciência. Ele deve partir do princípio do **realismo**: a crença de que ele existe em um mundo real e existente, e de que suas faculdades racionais são capazes de compreender essa realidade tal como ela é, bem como de perceber seus limites e características.

A partir daí, o filósofo empreende sua jornada pelo vasto cosmos com **liberdade, realismo e objetividade**. Este é o método dos sábios, em contraste com os **sofistas**, cuja filosofia é fundamentalmente **antirrealista**.

Alguns filósofos de orientação teológica, no entanto, apoiam-se em formas de intuição interior ou de **insight espiritual**, o que os místicos chamam de **"kashf" (desvelamento)**, **"ʿiyān" (testemunho direto)** ou, em termos mais amplos no vocabulário filosófico, **"gnose"**.[6]

---

[6] O **antirrealismo** pode ser de natureza **ontológica** ou **epistemológica**.

O **antirrealismo ontológico** nega a existência de uma realidade que se atualize — seja na mente, seja fora dela. Em outras palavras, recusa a própria existência objetiva do ser, seja interno ou externo.

Já o **antirrealismo epistemológico** não nega necessariamente a existência de uma realidade externa, mas seus adeptos rejeitam a capacidade da mente de **compreender essa realidade** ou de **apreender suas características com alguma certeza**.

Os Ramos Principais da Filosofia

A filosofia abrange diversas grandes ciências — ou, como se pode dizer, **grandes domínios temáticos**. Esses ramos centrais são:

1. **Metafísica** (o estudo do ser)
2. **Epistemologia** ou Filosofia do Conhecimento (o estudo do saber)
3. **Axiologia** ou Filosofia dos Valores (o estudo dos valores)

Alguns filósofos ampliam esses domínios incorporando áreas adicionais, como a **filosofia do direito e da legislação**, a **filosofia da religião**, a **filosofia da história**, a **filosofia política**, e outras ciências humanas. Por isso, chamamos os três primeiros de "ramos principais", já que há outros igualmente investigados pelos filósofos.

1. METAFÍSICA

A **metafísica** — também conhecida como **teologia**, **filosofia primeira**, **filosofia superior** ou **filosofia do divino** — é compreendida pelos sábios como a ciência do ser enquanto ser, no seu sentido mais **geral** e **abrangente**. Esta disciplina investiga os fenômenos aparentes para descobrir seus **princípios fundamentais** e **causas primeiras**.[7]

[7] **Aristóteles** foi quem estabeleceu esse campo e o denominou **"metafísica"**, termo que originalmente se referia ao livro que vem **após** sua obra intitulada *Física*. No entanto, os filósofos posteriores interpretaram essa disciplina com base no seu **conteúdo real**, ou seja: o **estudo do ser enquanto ser** — isto é, a investigação das **realidades metafísicas** que **transcendem o mundo físico e sensível**.

O metafísico se pergunta: **O que há além do mundo sensível e físico percebido por nossos sentidos?** Ele investiga se um determinado ente existe ou não. Em contraste, aquilo que se chama de **"filosofia inferior"** diz respeito às ciências naturais, que tratam dos estados e propriedades dos corpos — como a física e a química — sem abordar a questão de se algo existe de fato na realidade.

A **matemática** ocupa uma **posição intermediária** entre essas duas filosofias. O objeto da matemática — o número — é uma entidade abstrata, ainda que aquilo que ele quantifica possa ser material. Tanto a filosofia natural quanto a matemática estudam a existência particular e específica; contudo, a matemática está **mais próxima da metafísica**, devido à natureza abstrata do número.

Por isso, o conhecimento de Deus, no sentido mais estrito, só pode ser alcançado por meio das investigações desta disciplina: a metafísica. É através dela que também se compreendem outras realidades inteligíveis, como o intelecto, o espaço e o tempo, a vida e a morte, o além e suas implicações, a profecia e a revelação, o destino e a predestinação, o determinismo e o livre-arbítrio.

A metafísica explora igualmente a existência de todos os entes: anjos, seres humanos, animais, plantas e objetos inanimados. Examina o amor, a angústia, o riso, o choro e muito mais. Entre as questões que essa vertente da filosofia aborda estão:

Como surgiu o ser? O ser é uno ou múltiplo?
É causa ou efeito?
Qual é a causa do ser?

O ser é eterno ou contingente?
O que é o ser necessário e o ser possível?

Quanto ao além, a metafísica se interroga se a ressurreição será **física** ou **puramente espiritual**.

Esse ramo da filosofia é, muitas vezes, o que se entende quando se usa o termo "filosofia" de maneira genérica, pois trata-se da **área mais significativa da investigação filosófica**. É a porta de entrada para todos os demais domínios filosóficos — por isso é chamada de **"filosofia primeira"**. Ela constitui o **tronco** do qual brotam os demais ramos da filosofia, pois a metafísica é a **ciência do ser**, e tudo o mais está entrelaçado nesse tecido do ser.

No entanto, **filósofos materialistas e ateus rejeitaram totalmente a metafísica**. Consideraram-na uma espécie de delírio ou futilidade sem finalidade. O que não perceberam é que, **por meio da epistemologia**, pode-se determinar se a metafísica possui fundamento real ou se é mera ilusão.

A metafísica também aborda o que está além da psicologia filosófica e adentra o campo da **parapsicologia**, incluindo fenômenos como **telepatia, clarividência, habilidades médicas extraordinárias, psicocinesia** e o **sexto sentido**.

Dada essa amplitude temática, podemos identificar os **principais domínios da investigação metafísica** como:

1. **Teologia**
2. **Ontologia** (a teoria do ser)
3. **Cosmologia** (o estudo do cosmos)
4. **Psicologia** em suas diversas formas: **existencial, metapsicológica, intelectual e parapsicológica** [8]

[8] Há uma distinção clara entre os diversos ramos da psicologia.

Ao examinarmos os temas abordados pela filosofia metafísica, percebemos que ela se caracteriza por sua dificuldade — precisamente **pela generalidade e simplicidade de seus problemas**. Trata-se de uma filosofia que se apoia **exclusivamente na razão**, e não nos sentidos nem na experiência. Contudo, isso **não significa** que esteja **desconectada das demais ciências e campos do saber**; pelo contrário, a metafísica **permeia todos os domínios**, pois é ela quem distingue entre as **meras aparências** e a **realidade última**.

Você poderia se perguntar: isso não é uma tarefa difícil? A resposta é sim — é uma empreitada **difícil, intelectualmente delicada, exigente e rigorosa**. E justamente por isso muitos se afastaram dela. Portanto, cabe ao filósofo **questionar tudo para compreender tudo — e, em seguida,**

A **psicologia filosófica** é uma ciência **teórica** que investiga a **essência da alma** e sua **dimensão qualitativa**. Seu foco está na natureza do ser humano enquanto ente racional e espiritual, abordando questões como: *O que é a alma? Qual sua origem, sua finalidade, suas potências e níveis de perfeição?*

Em contraste, a **psicologia empírica** — muitas vezes chamada de **psicologia mental** — ocupa-se da **dimensão quantitativa da alma**, isto é, das **ações humanas** e dos **fenômenos comportamentais** observáveis. Este campo é composto por múltiplas subdisciplinas, como a psicologia cognitiva, a psicologia comportamental, a neuropsicologia, entre outras, todas baseadas em métodos experimentais e estatísticos.

Já a **psicologia paralela** (**parapsicologia**) concentra-se nos **fenômenos anômalos** que **escapam ao escopo explicativo** dos dois campos anteriores. Ela abrange uma variedade de temas como **telepatia**, **clarividência**, **premonição**, **psicocinesia**, **experiências de quase-morte** e o que popularmente se chama de **sexto sentido**.

Trata-se, assim, de três domínios distintos:

- Um voltado à **realidade ontológica e metafísica da alma**,
- Outro aos seus **aspectos observáveis e mensuráveis**,
- E um terceiro aos **fenômenos extraordinários** que desafiam os limites do método científico convencional.

transmitir essa compreensão aos outros de maneira acessível.

A **filosofia antiga** é conhecida por sua **orientação existencial**: preocupava-se em investigar o princípio do qual emana o ser e o destino último ao qual ele retorna. Alguns filósofos posteriores **unificaram a metafísica com a ontologia**. De fato, a **filosofia divina** (ilāhiyyāt — "metafísica") e a **filosofia do ser** (ontologia) passaram a significar uma à outra.

O termo **"filosofia divina"** (ilāhiyyāt) refere-se à investigação do **ser absoluto** em seu sentido mais amplo. Não se limita apenas ao Ser Necessário — Deus, o Altíssimo —, mas investiga o ser e todos os entes. É chamada de "divina" como **designação honorífica**. Em sentido mais específico, no entanto, refere-se à ciência que investiga o Ser Necessário — ou seja, a **Essência Divina**.

Quanto às **conclusões** a que chega a filosofia metafísica, estas são **transferidas ao campo da crença islâmica** (ʿaqīdah) ou da **teologia do monoteísmo** (tawḥīd), a fim de se determinar o que, entre elas, deve ser crido. Nesse ponto, o sábio da lei sagrada formula essas conclusões **utilizando uma terminologia distinta** daquela do filósofo — expressando-as com base **na linguagem da revelação**, e não na abstração filosófica.

2. EPISTEMOLOGIA/TEORIA DO CONHECIMENTO

Após concluir a investigação metafísica e ontológica, o ser humano volta-se para contemplar a si mesmo e suas capacidades, na tentativa de compreender tanto o **eu** quanto a **realidade tal como ela é**. A **ontologia** e a **epistemologia** são, ambas, **ramos da metafísica**. Toda filosofia de uma ciência possui uma **dimensão ontológica** e uma **dimensão epistemológica**. Esta última é tratada pela epistemologia, enquanto a primeira confundiu sofistas, filósofos materialistas e ateus — embora não tenham conseguido rejeitá-la completamente, como fizeram com a metafísica pura.

A **epistemologia começa onde a sofística termina**. Os sofistas semearam a dúvida em tudo, chegando ao ponto de questionar até mesmo as capacidades da mente humana. Em resposta, os filósofos sábios ergueram-se em defesa da humanidade e estabeleceram os **fundamentos da epistemologia**, que, nos tempos modernos, veio a **suplantar todos os ramos da filosofia** e passou a ocupar o **centro do pensamento filosófico**. Hoje, ela **é a própria filosofia**, e **é a sabedoria** — sua espinha dorsal. Toda disciplina filosófica é examinada sob a luz dessa teoria. Toda ciência tem sua própria filosofia. [9]

[9] É necessário estabelecer uma **distinção clara entre a dúvida científica metodológica e a dúvida epistemológica**.

A **dúvida metodológica** é uma ferramenta racional utilizada **como meio para alcançar a certeza**. Trata-se de um processo **crítico e construtivo**, que questiona proposições com o objetivo de **verificar sua validade**, eliminando o erro e estabelecendo o conhecimento verdadeiro. É o tipo de dúvida empregado, por exemplo, por **al-Ghazālī** e **René Descartes** — uma dúvida **provisória e orientada pela razão**, que visa à verdade.

Assim, a epistemologia é a ciência que estuda:

- A **natureza** de todo campo do conhecimento humano,
- Sua **possibilidade**,
- Suas **condições**,
- Suas **fontes**,
- Seu **valor** e **limites**,
- E a **validade dos instrumentos de conhecimento** que conduzem à compreensão correta da realidade.

Ela examina se esses instrumentos são a razão, a percepção sensível ou a intuição. Busca **critérios para distinguir a verdade do erro** e estuda a natureza de cada ciência.

A epistemologia **distingue-se da lógica**, que analisa as **leis formais do raciocínio humano**, e das **ciências específicas**, que investigam tipos particulares de conhecimento. A epistemologia, por contraste, estuda o **conhecimento em geral**. Algumas de suas perguntas incluem:

- Quais são as **fontes do conhecimento**?
- As faculdades humanas são capazes de compreender tudo ou há **limites**?
- Qual é a **natureza do conhecimento humano**?
- Qual é a **relação entre o sujeito cognoscente e o objeto conhecido**?

Os filósofos divergiram quanto à origem do conhecimento:

— Seria ele proveniente da **razão pura**?

Já a **dúvida epistemológica**, como a defendida pelos **sofistas**, é de outra natureza: ela ataca os próprios **fundamentos da certeza** e a própria **possibilidade de conhecer**. Essa forma de dúvida é **radical e corrosiva**, pois **nega ou relativiza a capacidade da mente humana** de alcançar conhecimento objetivo ou universal. Em vez de servir ao esclarecimento, tende a produzir **ceticismo total** e **relativismo extremo**.

Assim, enquanto a dúvida metodológica é um **instrumento de investigação filosófica**, a dúvida epistemológica **desconstrói o próprio edifício do conhecimento**.

— Ou da combinação entre **razão e sentidos**?
— Ou exclusivamente da **intuição**?
A maioria concordou que a epistemologia se fundamenta principalmente na **razão pura**, já que os sentidos podem enganar. Assim, priorizaram a razão. No entanto, surgiram diferentes **escolas filosóficas**, cada uma com sua própria abordagem epistemológica: idealismo, empirismo, racionalismo, ceticismo, fenomenologia, pragmatismo, entre outras — todas buscando responder à pergunta essencial:
como sabemos o que sabemos?

1. Método Racional:

– Esta é a **escola filosófica pura**, que afirma que o conhecimento é adquirido **exclusivamente pela razão pura**, sem depender da experiência sensível.

– **Subescolas:**

a. **Escola Peripatética (Racionalismo Aristotélico):**
   Fundada por **Aristóteles**, foi seguida por grandes nomes da tradição islâmica como **al-Kindi**, **al-Fārābī**, **Ibn Sīnā**, **Ibn Rushd**, e, mais tarde, na Europa, por **René Descartes** e **Baruch Spinoza**.
b. **Filosofia Existencialista:**
   Essa corrente concentra-se exclusivamente na **existência humana**, sem se aprofundar na natureza do ser em sentido geral. Examina a **relação do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o universo**, destacando a liberdade, a angústia e a autenticidade.

c. Escola Filosófica Mística:

Combina o **raciocínio intelectual** com a **purificação interior** e a **intuição espiritual**. Entre suas figuras centrais estão **Platão**, **Ibn ʻArabī** e **Henri Bergson**.

– **Ramificações:**

- **Escola Iluminacionista (Suhrawardī)**
- **Filosofia Transcendente (Mullā Ṣadrā)**

3. **Método Empírico:**

   – Conhecido como **positivismo** ou **empirismo**, esta escola sustenta que o conhecimento se baseia na **experiência sensível** e na **experimentação**.

   – Principais pensadores: **Demócrito**, **Epicuro**, **John Locke**, **David Hume**, **Jeremy Bentham**, **John Stuart Mill** e **Herbert Spencer**.

   – Enfatizam os dados dos sentidos como única base legítima para o saber, rejeitando a metafísica como especulativa e infundada.

3. Método da Transmissão:

– Esta escola baseia-se nos **textos proféticos revelados**. O que é narrado pelos profetas, especialmente nos ḥadīths, é tomado como **verdade**, desde que **não contradiga a razão nem o Alcorão**.

– A verdade, nesse caso, é recebida, mas ainda assim submetida ao **crivo racional e textual**.

4. Materialismo Dialético:

– Propõe uma nova visão de futuro **estritamente mundana**, alinhada ao **pragmatismo**.

– Principais nomes: **Charles Sanders Peirce**, **William James**, **John Dewey**.

– Essa corrente vê a **utilidade como critério da verdade**, rejeitando a metafísica por considerá-la irrelevante para a realidade prática.

Os filósofos divergiram quanto à **capacidade do ser humano de conhecer tudo**:

– Os **sofistas** disseram **não** — o conhecimento verdadeiro seria impossível ou relativo.
– Os **céticos científicos** e os **realistas dogmáticos** afirmaram que **sim**, o ser humano pode alcançar o conhecimento verdadeiro, mesmo que de modo gradual e progressivo.[10]

[10] O **dogmatismo**, ou **absolutismo doutrinário**, manifesta-se de diversas formas. Entre elas:

- O **fanatismo ideológico ou doutrinário**, que se apega cegamente a uma crença ou sistema, considerando-o a única verdade possível.
- A **rigidez intelectual**, que recusa qualquer forma de questionamento, revisão ou atualização do pensamento.
- A **recusa em retratar-se**, mesmo quando **provas evidentes** ou **argumentos racionais** demonstram que a posição adotada é falsa ou insustentável.
- O **rejeitamento do diálogo** e da **discussão aberta**, o que impede a troca construtiva de ideias e favorece o isolamento intelectual.

Esse tipo de postura não apenas **contradiz o espírito filosófico autêntico**, mas também representa um dos principais obstáculos ao avanço do pensamento e à descoberta da verdade.

3. AXIOLOGIA: A FILOSOFIA DOS VALORES

A **axiologia**, ou **filosofia dos valores**, é um campo da investigação filosófica que se fundamenta na **análise racional**. Ela investiga tudo aquilo que possui **valor ou significação**, tratando esses valores como **fins em si mesmos**, e não apenas como meios para outros fins.

Assim como o ser humano possui uma **natureza ontológica**, ele possui também uma **natureza axiológica**; por essência, o homem busca a **perfeição**. Portanto, o ser humano é um **ente que valoriza e avalia**. É por meio da perfeição **intelectual**, **espiritual** e **moral** que se realizam a **liberdade**, a **felicidade** e a **paz**.

Mas o que é a **natureza desse valor**? Quais são os **critérios** que o definem?

Os juízos proferidos pelas ciências nesse domínio são **valorativos**, e esta área da filosofia investiga a relação entre os **valores**, o **conhecimento** e o **pensamento**. A axiologia abrange **três valores maiores**: **verdade**, **beleza** e **bondade** — cada um dos quais constitui um **domínio filosófico amplo e autônomo**. Por isso, é necessário tratá-los brevemente:

A. LÓGICA (VALOR DA VERDADE)

A **lógica** é a ciência que protege o pensamento do erro e do desvio. Ela estabelece as **regras e leis do raciocínio correto**, tanto para indivíduos quanto para sociedades, exigindo o uso disciplinado das faculdades racionais.

O valor da lógica reside em sua capacidade de **desenvolver a faculdade do raciocínio correto**, ao investigar o funcionamento do pensamento **tal como ele deve ser** em relação aos seus objetivos.

Aristóteles foi o primeiro a sistematizar essa ciência de forma acadêmica, chamando-a de Analítica.[11]

A lógica extrai sua matéria unicamente da **razão**, e formula as regras do pensar correto — **pré-requisito para todas as conclusões válidas**. Por isso, ela é o **fundamento de todas as ciências** e a mais nobre entre elas, funcionando como **porta de entrada para todo o saber humano**.

A lógica difere da epistemologia:

- A **lógica** avalia os **procedimentos do raciocínio** em termos de validade formal.
- A **epistemologia**, por outro lado, investiga a **natureza da verdade e do erro em si**.

A lógica divide-se em **três ramos principais**:

---

[11]Nesse aspecto, a lógica **distingue-se da psicologia**, pois enquanto a lógica examina **como o pensamento deve ser** para alcançar validade e coerência, a **psicologia analisa os processos mentais tal como eles são** — incluindo tanto o raciocínio correto quanto o falacioso — com o objetivo de **identificar os fatores que levam ao erro cognitivo.**

Ou seja:

** *A lógica** é **normativa** — estabelece regras para o pensamento válido.

** *A psicologia**, por sua vez, é **descritiva e explicativa** — observa, descreve e busca as causas do funcionamento (ou mau funcionamento) mental .

Primeiro: Semântica e Conceitos
O estudante aprende sobre as **palavras e seus significados**, os **conceitos** e os diversos **tipos de definições**.
Segundo: Juízos
O estudante analisa as **proposições** e suas **diferentes formas**, estudando como os conceitos se organizam para formar afirmações verdadeiras ou falsas.
(O terceiro ramo — **raciocínio e silogismo** — será naturalmente tratado em sequência, se desejado.)
Terceiro: Silogismo
Nesse estágio, o estudante aprende a analisar **argumentos, provas e suas classificações**. Trata-se do ponto culminante da formação lógica, onde se compreende como as **premissas verdadeiras e bem estruturadas levam a conclusões válidas**. O silogismo é a espinha dorsal da inferência lógica, e sua correta aplicação é fundamental para a construção de raciocínios sólidos.
É evidente que a **lógica deveria ser estudada por todo indivíduo** — inclusive pelo público geral em nível introdutório. A lógica **protege contra ilusões e falsidades**, funcionando como um **escudo contra a sofística e o raciocínio falacioso**. Além disso, ela permite ao indivíduo **convencer os outros com base em opiniões corretas**, o que resulta em **benefício para a sociedade** — como se observa em **poetas sábios** e **pregadores morais** que refutam os sofistas e ideólogos com argumentos claros e racionais.

Aqueles que **se opõem à lógica** geralmente o fazem por **compromissos ideológicos prévios** que os impedem de reconhecer o valor desse instrumento.[12]

A lógica permite alcançar dois objetivos principais:

1. **Reconhecer as coisas** — o que conduz à **integração intelectual com as ciências**.
2. **Raciocinar sobre as coisas** — o que leva à **integração prática com a realidade**.

Na era moderna, a lógica se desenvolveu em duas direções principais:

1. **Lógica Formal**
   — Caracteriza-se por regras gerais aplicáveis a **todos os assuntos**, independentemente da especialização.
   — É chamada de formal ou estrutural porque trata da **forma do pensamento científico**, e não do **conteúdo específico**.
   — Essa é a lógica tradicional oriunda de Aristóteles.
2. **Lógica Aplicada** (ou lógica material)

---

[12]** Ideologia** refere-se ao **conjunto de ideias, princípios e diretrizes** que governam diretamente o **comportamento humano**. Ela pode se manifestar como um fenômeno **religioso**, **econômico** ou **social** — ou ainda como uma **composição que abrange múltiplas dessas dimensões** ao mesmo tempo.

Uma ideologia pode ser:

** *Específica de um determinado lugar**, influenciando os indivíduos dentro de um **contexto geográfico ou cultural definido.**

*Ou **vinculada a um período histórico particular**, moldando a **visão de mundo** e o **comportamento coletivo** das pessoas durante uma **era específica.**

Dessa forma, a ideologia atua como **estrutura normativa**, orientando o modo como os indivíduos **pensam, julgam, decidem e agem** dentro da sociedade em que estão inseridos.

— Contém regras específicas adaptadas aos **campos de investigação científica**.

— Exige que as ideias **se ajustem com precisão aos eventos e fenômenos reais**.

— É usada nas ciências empíricas e metodológicas, onde a forma lógica se alia ao conteúdo.

Lógica Simbólica

— Substitui a linguagem natural por **símbolos**, como se faz na matemática.

— Por isso também é chamada de **lógica matemática** ou **álgebra lógica**.

— Permite uma maior **precisão formal** e **rigor na estrutura dos argumentos**, sendo amplamente utilizada nas ciências da computação, na linguística formal e na filosofia analítica.

Como se pode notar, os filósofos **não infundiram suas opiniões pessoais na lógica**, pois esta **não dá margem a interpretações subjetivas ou enviesadas**. Ela se baseia em critérios estritamente racionais e estruturais.

Contudo, em campos como a **estética** e a **ética**, muitos filósofos encontraram **mais espaço para misturar filosofia com inclinações pessoais**, o que faz com que **os não familiarizados com a filosofia por vezes a rejeitem**, por julgarem que ela carece de objetividade — um equívoco que só o estudo sério pode dissipar.

B – FILOSOFIA DA ESTÉTICA

Assim como a filosofia se ocupa do **conhecimento**, ela também se volta para as **artes** e tudo o que emerge da **experiência ou do sentimento humano**. A filosofia trata da **realidade humana em sua totalidade**, e uma das manifestações mais evidentes disso é seu interesse pelo **valor estético**.

Embora os ramos da filosofia variem em importância, **eles se complementam mutuamente**. O **valor da beleza** é o objeto da **estética**, ciência que busca estabelecer os **critérios do belo** nas obras artísticas — como a **poesia, a música, a pintura, a escultura, o teatro e a arquitetura**.

O que é a beleza?

Quando podemos declarar algo como belo — e por quê? A beleza é sensorial, intelectual ou emocional? Ela reside no objeto em si, ou apenas em nossa mente? A beleza natural é superior à artificial? Estão no mesmo nível, ou a verdadeira beleza se encontra na combinação de ambas?

Diante de tantas questões, a **estética** — ou **filosofia da arte** — ocupa-se da **beleza em seus aspectos teóricos, criativos e críticos**. Ela capacita o indivíduo a emitir **juízos valorativos** para distinguir entre o belo e o feio, e define o **papel da beleza e da arte na vida humana**. A arte é um fenômeno humano digno de reflexão filosófica. O pensador **primeiro imagina a beleza**, depois **a sente**, e finalmente **a julga**.

Escolas filosóficas sobre o juízo estético:

1. **Razão:**

   Os racionalistas sustentam que a beleza só pode ser

compreendida por meio de **leis racionais** — a beleza é um **valor racional**.

2. **Sentidos:**
   Os empiristas afirmam que a beleza reside **no objeto em si** — ou seja, o belo é **percebido sensorialmente**.
3. **Emoção:**
   Essa corrente defende que o valor estético é percebido **quando nossas emoções são despertadas**.
   A beleza **não está no objeto, nem na mente ou nos sentidos**, mas sim **na relação entre o sujeito e o objeto julgado**. A estética, nesse sentido, é um **sentimento evocado pelo belo**, e o juízo se baseia na **emoção e na arte**, não na lógica ou na ciência.

A beleza pode ser natural ou artificial.
A **natureza em estado bruto** é bela — sua beleza é incomparável e inspirou todos os artistas.
Mas ela só adquire **valor estético humano** quando é moldada em forma artística, carregando os elementos da **criatividade do artista** — e assim passa a possuir uma **beleza viva**, ou mesmo uma "alma" e "liberdade".
Dizia-se: "A poesia mais doce é a mais falsa" — não em sentido de contradição à ética, mas como alusão à **exageração e à imaginação**, elementos indispensáveis à criação artística.
Uma obra que **reflete a realidade de forma idêntica perde sua beleza**, pois o **padrão de verdade na ciência difere do da arte**:
– A **ciência** busca **objetividade** e descoberta da **verdade**,
– A **arte** busca **expressar a beleza** e **provocar admiração**.

Contudo, o valor estético depende de três critérios:

1. A **imaginação artística** deve estar **ancorada na realidade** — a fantasia pura é muitas vezes ilusória e sinal de desequilíbrio no artista.
2. A **obra de arte deve ter propósito e organização** — não basta o caos estético.
3. O valor estético **deve respeitar os valores morais e ideais superiores** — o que é imoral carece de valor estético, pois há uma **ligação ontológica entre beleza e bondade**.

Esses critérios expressam uma **consciência estética saudável**. Outros, no entanto, defendem que a estética **não depende da moralidade** — para eles, tudo o que **provoca prazer emocional é belo**, sustentando a ideia de **"arte pela arte"**.
Entretanto, **sustentamos** que o que **viola os limites morais não é verdadeiramente belo**. Tais juízos estéticos decorrem de **desejos baixos ou instintos predatórios**. Por isso, a **teoria da "arte para a sociedade"** deve prevalecer.

Apesar de crermos que a beleza deva estar em conformidade com os valores morais, **reconhecemos que o gosto varia entre os indivíduos**. Os debates nesse campo são vastos, mas a **filosofia detém a autoridade final** para dissipar a confusão. Toda arte **imoral é como um ato imoral** — gera confusão, e essa confusão provoca **reflexão filosófica**.
Immanuel Kant **(† 1804)**, em sua obra *Crítica da Faculdade do Juízo* (*Kritik der Urteilskraft*), procurou estabelecer uma teoria do belo separada do gosto pessoal ou da utilidade prática. De fato, ele definiu quatro princípios do juízo estético, como mencionado:

1. **Qualidade (Qualität):**
   O belo não está relacionado à utilidade ou ao propósito prático, mas gera um prazer puro; ou seja, ele nos agrada sem que esperemos algo dele.
2. **Quantidade (Quantität):**
   A beleza transcende a individualidade; quando descrevemos algo como belo, presumimos implicitamente que os outros também devem concordar conosco. O juízo estético aspira a ser universal, mesmo que não seja objetivo.
3. **Relação (Relation):**
   A beleza é um "fim sem finalidade" (*Zweckmäßigkeit ohne Zweck*).
   Ou seja, o objeto parece ter sido feito com um propósito, parece organizado com precisão, mas sem possuir um objetivo externo determinado.
4. **Modalidade (Modalität):**
   O juízo estético é necessário em um sentido subjetivo: quem sente a beleza de algo sente que os outros **deveriam** compartilhar esse sentimento, mesmo que essa exigência não seja lógica, mas apenas emocional.

Em resumo, Kant quis afirmar que a beleza não reside no objeto em si, nem no desejo por ele, mas sim na maneira como o percebemos — por meio do “livre jogo” entre o entendimento e a imaginação. A beleza, para ele, é uma experiência interior, mas com um caráter universal.

A Estética divide-se em duas áreas principais:

1. **Estética Teórica**
   – Parte normativa da disciplina, que analisa o **sentimento do belo** psicologicamente e interpreta a beleza filosoficamente.
2. **Estética Prática**
   – Diz respeito à **crítica de arte**.
   – Cada forma artística — **poesia, literatura, artes visuais, teatro** — possui seus próprios críticos, apreciadores e critérios avaliativos.

A estética, portanto, revela-se como um campo em que razão, sensibilidade, moralidade e cultura se entrelaçam para dar forma ao juízo do belo — um juízo que não é neutro, mas portador de sentido humano e metafísico.

C – FILOSOFIA DA ÉTICA (ÉTICA)

O conceito de **bondade** é o tema central da **Ética**, também chamada de **ciência dos costumes**, pois é ela que determina o que se considera **bom ou mau** no comportamento humano. A ética estabelece os **princípios da vontade e da conduta**, traçando os **limites da interação do indivíduo consigo mesmo e com os outros**.

Por isso, alguns definiram essa ciência como a **"lógica do comportamento"**, sendo essa sua função essencial: **ordenar a ação humana conforme princípios racionais e valorativos**. Para que alguém alcance a felicidade, precisa compreender quais são suas **obrigações para consigo e para com os demais**.

Os valores éticos dizem respeito **diretamente ao comportamento** e possuem um **caráter social**, pois regulam a relação entre o **indivíduo e a sociedade**. Eles também expressam **o que a pessoa deve ser**, e não apenas o que ela é. Por essa razão, a ética é considerada um dos **fins supremos da filosofia**, sendo altamente valorizada tanto por **filósofos quanto por místicos**, e por alguns, inclusive, como **o objetivo final da filosofia em si**. Isso porque o ser humano — sujeito dessa ciência — é, por essência, um **ente moral**, e sua existência se define por sua **relação com os valores éticos**.

O objetivo da filosofia moral

O propósito dos filósofos morais é investigar a alma no que diz respeito à sua **refinação, disciplina e busca pela perfeição**. A perfeição visada nesse campo é a **perfeição moral**.

Quanto à **perfeição metafísica**, ela é entendida como resultado da **escolha divina** — Deus elege a quem deseja para ser

profeta ou mensageiro. Essa forma de perfeição é estudada na **metafísica** e **distingue-se** da perfeição ética. No entanto, a **perfeição metafísica implica necessariamente a perfeição moral**, pois um profeta não pode ser metafisicamente elevado sem ser moralmente exemplar.

Assim, **atribuir a Deus uma perfeição ontológica para justificar a imperfeição humana** é uma falácia lógica e ontológica: dizer "a perfeição pertence somente a Deus" como desculpa para o erro humano **é invalidar a própria exigência moral da ética.**

Dois aspectos da ética

Como outros ramos da axiologia, a ética divide-se em dois grandes aspectos:

1. **Aspecto Teórico (Normativo)**
   – Considerado uma ciência por definir e explicar os **princípios morais**, sejam eles de origem **teológica ou secular**.
   – Discute temas como: **bem e mal moral**, **verdade**, **liberdade**, **responsabilidade**.[13]

[13] O **problema do bem e do mal** é examinado na filosofia por meio de **duas dimensões principais:**

** .1A dimensão metafísico-teológica**, abordada por filósofos que operam dentro do **marco da metafísica**. Aqui, o bem e o mal são investigados enquanto **realidades ontológicas**, relacionadas à estrutura do ser, à **natureza do mal**, à **providência divina**, ao **sentido do sofrimento**, e à questão do **diabo como ente ou símbolo** do mal moral e metafísico.

** .2A dimensão ética ou moral**, tratada por filósofos da **filosofia moral**, que estudam o bem e o mal no âmbito do **comportamento humano**, da **responsabilidade individual**, e dos **valores normativos** que orientam a conduta. Aqui o mal é compreendido como **ação imoral**, **injustiça**, ou **violação da dignidade humana.**

Ambas as dimensões também se debruçam sobre temas conexos, como:

– Os filósofos **intuicionistas** consideram-na uma ciência **normativa e dedutiva**: o bem moral seria **intuitivo**, regido por **leis universais** imutáveis no tempo e no espaço, sendo no fim das contas determinado por **decreto divino**, segundo a maioria.
– Outros filósofos, porém, atribuíram o critério moral à própria **natureza dos atos humanos**.
– **Immanuel Kant**, por sua vez, sustentava que o critério do bem está na **razão prática humana**, que ele chamou de **"princípio do dever"** (das Prinzip der Pflicht), e que deve ser seguido **por si mesmo**, independentemente de consequências.

2. **Aspecto Prático**
   – Considerado uma **arte** por consistir na **aplicação dos princípios** morais às **ações concretas do ser humano**.
   – Deduz consequências práticas a partir dos princípios éticos estabelecidos e orienta a conduta do indivíduo em situações reais.

Assim, a ética não se reduz a um conjunto de normas sociais ou convenções culturais, mas é, dentro da filosofia, **uma ciência da essência humana**, cujo objetivo é guiar o homem **à realização de sua excelência moral** e integridade existencial.

---

*A **doutrina da providência divina** — se e como Deus intervém ou permite o mal no mundo.

*A questão do **diabo** — enquanto figura teológica, símbolo filosófico do mal, ou representação mítica da oposição à ordem moral e racional do universo.

Portanto, o problema do bem e do mal na filosofia não é apenas **moral**, mas também **ontológico, teológico e existencial**, exigindo uma abordagem multidisciplinar e profundamente reflexiva.

Em contraste, **teleologistas** e **empiristas** argumentaram que a ética **não é uma ciência normativa**, mas sim **descritiva**. Segundo esses pensadores, o bem e o mal são **construções sociais** derivadas das **experiências humanas**.
Entre eles, os **epicureus** afirmavam que o **prazer é o critério supremo da ação humana**, uma visão posteriormente adotada pelos **utilitaristas modernos**, que medem a moralidade com base no grau de prazer ou utilidade que uma ação produz.
Outro ramo dentro do teleologismo adotou o conceito de **energia ou vitalidade** como padrão de ação moral. Essa corrente se dividiu em duas vertentes:

- **Energia altruísta**: o bem reside no serviço à sociedade — uma ética orientada para o coletivo.
- **Energia egoísta**: representada por **Friedrich Nietzsche** († 1900), defendia a **afirmação individual da vontade de poder**, com base na ideia da **sobrevivência dos mais aptos**.

Cada uma dessas direções filosóficas teve **seguidores** que sistematizaram essas ideias e as **projetaram sobre as sociedades modernas**, influenciando movimentos sociais, políticos e ideológicos.

Os **empiristas**, por sua vez, **não classificam a ética como uma ciência normativa**. Para eles, seu método é **indutivo** e seu objetivo é **descrever o comportamento humano em contextos históricos e culturais específicos**, sem prescrever **como o ser humano deve agir**. Alguns chegaram a **excluir a ética do campo das ciências** propriamente ditas, reduzindo-a a um fenômeno descritivo, sem obrigação normativa.
Livre-arbítrio e responsabilidade moral

É indiscutível que o ser humano possui a capacidade de **controlar suas emoções e ações** por meio do **livre-arbítrio** — não está totalmente determinado, nem absolutamente livre. O **indivíduo moral** é aquele que **evita o mal e escolhe o bem**. Sem o livre-arbítrio, os conceitos de **elogio e culpa**, **responsabilidade e dignidade**, seriam **vazios de sentido**.

Leis naturais e leis morais

As leis podem ser:

- **Naturais**, como as normas divinas e as propriedades imanentes da natureza (leis físicas e lógicas).
- Ou **morais**, que regem a ação livre e se dividem em:
    - **Leis reveladas**, de origem divina,
    - E leis humanas: civis, comerciais, administrativas — organizadoras da vida social.

Além disso, existe uma **lei moral natural específica** que é **inata ao ser humano**, enraizada na sua constituição racional e espiritual.

Fontes do bem e do mal

Conhecemos o bem e o mal por meio de duas fontes:

1. **Fonte interna** — a **consciência divina** presente em cada ser humano (fitrah), que o leva a sentir repulsa pelo mal e inclinação pelo bem.
2. **Fonte externa** — a **sociedade**, em suas duas formas:
    - A **sociedade pequena**, que é a **família**,
    - E a **sociedade ampla**, representada pelas **instituições civis e culturais**, ambas dotadas de uma **consciência coletiva** que orienta os costumes e comportamentos.

Os filósofos refletem sobre essas **moralidades práticas**, transformando-as em **teorias éticas normativas**, generalizáveis e racionais.

A responsabilidade do filósofo moral

O **filósofo moral** carrega uma grande responsabilidade:

- **Guiar os indivíduos e as sociedades** diante da degradação ética, especialmente na era moderna.
- **Esclarecer os valores virtuosos** a fim de que sejam adotados no comportamento individual e coletivo.
- **Advertir contra os vícios e corrupções morais**, inclusive quando disfarçados de progresso.

Contudo, os **materialistas** e os **negadores da vida após a morte não aceitarão essa filosofia**, a menos que esteja **fundamentada em premissas teológicas**.

A ética, como os outros ramos da axiologia, é **um fim em si mesma** e um **complemento essencial às demais disciplinas filosóficas**.

Um filósofo **sem ética** é **inútil** — pois a filosofia sem orientação moral torna-se especulação vazia ou ferramenta de manipulação.

Historicamente, a ética também foi chamada de **ciência política**, como se vê nas obras Política de **Avicena** e **al-Fārābī**. É igualmente conhecida como **ciência do dever** (ʿilm al-wājib), pois trata do que o ser humano **deve ser**, não apenas do que é.

O SUFISMO E A FILOSOFIA

É necessário abordar a **relação entre o sufismo e a filosofia**, pois ambas as disciplinas continuam sendo, para muitos, **obscuras e ambíguas**. De fato, muitos tentaram **desacreditá-las**, rotulando-as como **mitológicas ou supersticiosas**. E, infelizmente, o comportamento de certos filósofos e de muitos sufis acabou **servindo de pretexto** para tais críticas, contribuindo para a confusão e a distorção que cercam esses dois domínios.

A verdade, no entanto, é que há uma **relação íntima** entre sufismo e filosofia. O sufismo, assim como a filosofia, deriva etimologicamente do termo grego **Sophia**, que significa **"sabedoria"**. Todas as interpretações alternativas que tentam fazer do sufismo um fenômeno **puramente islâmico** são, na realidade, tentativas artificiais de **conferir-lhe legitimidade religiosa** diante de audiências inicialmente céticas.

Sem dúvida, os muçulmanos **moldaram posteriormente o sufismo** de modo a refletir sua **criatividade espiritual** e **riqueza interior islâmica** — um processo legítimo, mas que não deve obscurecer as raízes filosóficas e universais da tradição.

Portanto, o **sufismo autêntico** — aquele que se discute aqui — é, em essência, uma **forma de filosofar espiritual**. Sua ênfase está na **renúncia aos apegos mundanos** e no engajamento na **maior luta interior** (al-jihād al-akbar): o esforço para **alcançar o conhecimento de Deus**, a **Verdade Absoluta**.

Nesse caminho, a **Essência Divina** (al-dhāt al-ilāhiyya) é o tema central da busca. A jornada espiritual envolve dois aspectos fundamentais:

1. **Purificação (takhliyah)** – abandono dos vícios, falhas e desejos excessivos.
2. **Adorno (taḥliyah)** – cultivo das virtudes, da nobreza de caráter e da conduta elogiável.

Trata-se de um **exercício disciplinado da alma**, porém **sem necessidade de isolamento monástico**, como se observa em outras tradições religiosas.

Escolas do Sufismo

Apesar da diversidade interna, as escolas do sufismo compartilham **princípios fundamentais comuns**. Elas podem ser classificadas, de forma geral, da seguinte maneira:

1. **Sufismo Filosófico**
   Essa escola adota os **métodos da contemplação filosófica**, e seu discurso se aproxima bastante do dos **filósofos metafísicos**. Costuma ser chamada de **sufismo teórico**, pois funde a **devoção mística** com a **investigação metafísica**.

Entre seus maiores representantes estão:
– **Ibn ʿArabī** (al-Shaykh al-Akbar)
– **Suhrawardī** (Shaykh al-Ishrāq)
– **Mullā Ṣadrā**

Essa vertente é considerada **universal**, transcende o tempo, o espaço, as religiões e os sectarismos confessionais. Nela, o saber filosófico e a experiência mística são dois aspectos de uma única busca pelo Real.

3. **Sufismo Teológico (baseado no Kalām)**[14]
   Frequentemente rotulado de **sufismo prático**, essa escola é muitas vezes **confundida com o sufismo filosófico**. Seus adeptos, embora profundamente espirituais, adotam uma **terminologia teológica** e concentram-se na **ética**, na **disciplina moral** e na **refinação da conduta**.

Essa escola encontra-se principalmente entre os **muçulmanos sunitas** (Ahl al-Sunnah wa-l-Jamāʿah) e deu origem a inúmeras **subescolas**, muitas das quais surgiram com base em **pequenas divergências doutrinais** ou em **práticas espirituais específicas**.

Essas duas vertentes — embora distintas — são unidas por uma mesma finalidade: a **elevação do ser humano** por meio da **sabedoria**, da **purificação da alma** e da **presença contínua diante do Absoluto**. Ambas demonstram que **o sufismo e a filosofia não são opostos, mas complementares**: duas linguagens para expressar a busca pelo mesmo Real.

4. **Sufismo Ascético (baseado no Zuhd)**

---

[14] O termo deriva de ʿ**ilm al-kalām** (*teologia escolástica*), cujos praticantes — os **mutakallimūn** — constituem diversas **escolas teológicas** caracterizadas, sobretudo, por um **método dialético**.
Esses teólogos constroem **princípios racionais** que afirmam estar em conformidade com os **significados aparentes** dos textos revelados. No entanto, esses significados **não necessariamente** correspondem às **verdades mais profundas** que são acessadas por meio da **contemplação** e da **reflexão filosófica** — aquelas compreendidas pelos que estão **firmemente enraizados no conhecimento** (*al-rāsikhūna fī al-ʿilm*).
Assim, embora o kalām procure defender a fé por meio da razão, seu alcance **permanece limitado** diante das dimensões mais elevadas do saber espiritual e metafísico alcançadas por **sábios e místicos** que transcendem o discurso puramente dialético.

Muitos dos primeiros sufis proeminentes pertencem a essa vertente. Eles **renunciaram à filosofia e à teologia especulativa (kalām)**, optando por uma vida simples de **desapego espiritual**. Enfatizavam a **piedade pessoal**, a **purificação interior** e a **vivência direta da experiência espiritual**, sem envolvimento em debates filosóficos ou teológicos formais.

A abordagem desses sufis era **experiencial, não discursiva** — voltada para o **estado interior (ḥāl)**, e não para palavras ou formulações teóricas. Trata-se, provavelmente, da **escola sufista mais antiga em termos históricos**, com motivações variadas entre seus praticantes: temor a Deus, rejeição da opulência, busca do desapego, ou reação à corrupção política e social.

5. **Pseudo-sufismo (Degenerado ou Oportunista)** Este grupo surgiu no rastro do sufismo teológico e inclui **charlatães** que exploraram a simbologia sufi para fins **pessoais e mundanos**. Reivindicam o sufismo sem aderir aos seus princípios, carecendo de **profundidade filosófica** e **rigor espiritual**. Seus objetivos incluem:
   – manipulação financeira,
   – alegações falsas de conhecimento ou linhagem,
   – engano das massas.

Infelizmente, **tornaram-se o principal argumento usado por críticos** para atacar tanto os sufis filosóficos quanto os teológicos. No entanto, esses casos devem ser tratados nos **campos da psicologia e da sociologia**, e não da filosofia ou da espiritualidade autêntica.

Relações entre sufismo e filosofia

Os sufis de inclinação teológica **divergem dos filósofos quanto ao método**, mas compartilham com eles o **objetivo supremo**: **alcançar a Verdade** — isto é, **Deus**.

Os sufis filosóficos, por sua vez, desenvolvem uma disciplina que **se assemelha fortemente à metafísica** (ʿilm al-ilāhiyyāt), com o objetivo de **imitar o divino (tashabbuh bi-llāh)** dentro dos limites humanos:

– falar com veracidade,
– manter crenças corretas,
– evitar erros,
– encarnar virtudes nobres,
– realizar ações justas,
– aperfeiçoar o próprio ser.

Entre suas doutrinas mais notáveis estão:

- **Wahdat al-Wujūd** (Unidade do Ser)
- **Fanāʾ fī-llāh** (Aniquilação em Deus)

Ambas são teorias amplamente debatidas, **interpretadas de modos distintos** até mesmo entre os próprios sufis — e mais ainda por seus seguidores.

A **Wahdat al-Wujūd** tem sido objeto de **polêmica teológica e filosófica**, especialmente em contextos islâmicos. As **expressões místicas extremas (shaṭaḥāt)** são muitas vezes **mal compreendidas**, sobretudo quando **não se libertam dos constrangimentos sectários ou teológicos** — ao contrário do filósofo, que costuma manter **neutralidade crítica**.

Universalidade do Sufismo

O sufismo, tal como a filosofia, **não está ligado a uma época ou geografia específica**. Ele **existe em todas as nações, seitas**

e religiões. Em sua essência, é **uma forma de sabedoria**, e a **função suprema da sabedoria é alcançar a Verdade — isto é, Deus**.
A filosofia serve para **distinguir entre o real e a ilusão**, entre o essencial e o superficial. Nesse sentido, ambas as tradições — sufismo e filosofia — são caminhos de libertação interior.

Diferença epistemológica entre sufis e filósofos
A **diferença-chave entre o sufi e o filósofo** reside no **método de conhecer a Deus**:

- O **filósofo** busca a verdade por meio de **provas racionais e argumentos intelectuais**.
- O **sufi** busca **ver, sentir e experimentar Deus** por meio da **transformação interior**.

O sufi **esforça-se para encarnar os atributos divinos**, de modo que os **Nomes e Qualidades de Deus se manifestem em seu ser** — assim, ele se torna um **ʿārif bi-llāh** (um conhecedor de Deus).
Aquele que **combina os dois caminhos** — a **investigação racional** e a **experiência espiritual** — atinge a forma de **conhecimento mais elevada e completa**.

ʿIrfān (Gnose)
A **ʿirfān** é o **conhecimento experiencial de Deus**.
Ela não se adquire por **lógica formal** ou **observação empírica**, mas por meio do **coração (qalb)**.
Ela possui duas dimensões:

- **Teórica**:
  Reflexão filosófica sobre o **ser (wujūd)** e o caminho rumo a Deus.

- **Prática**:
  Conhecimento das **estações espirituais** e dos **passos da jornada interior** — incluindo:
  – **Mujāhadah** (luta contra o ego),
  – **Takhliyah** (purificação dos vícios),
  – **Taḥliyah** (adoção das virtudes),
  – culminando no estado de **Iḥsān** (excelência espiritual), também chamado de **mushāhadah** (testemunhar Deus como se O visse).

Importante distinção: Wahdat al-Wujūd vs. Wahdat al-Shuhūd
É fundamental **não confundir**:

- **Wahdat al-Wujūd** (Unidade do Ser)
- com **Wahdat al-Shuhūd** (Unidade da Testemunha ou da Percepção).

Embora semelhantes em aparência, **são concepções distintas**. A **confusão entre ambas** gerou muitas **interpretações errôneas**, tanto entre estudiosos quanto entre críticos do sufismo.
Em resumo, **o sufismo filosófico** representa uma tentativa profunda de **unir sabedoria racional e realização espiritual**, num percurso que visa **a verdade suprema** — Deus — por meio da **autotranscendência, da purificação interior e do conhecimento direto do Real**.

PHILOSOPHY AND THE FINAL CHAPTER

We shall present the history of philosophy in Europe in parallel with broader human history, so that we may uncover the true causes that led philosophical inquiry to its present condition—and likewise, understand the circumstances into which the world as a whole has fallen. This present age is, in fact, the age of **globalization**, or **modernity**, or **European thought**, or perhaps more accurately, **an age of triviality and barbarism**.
After the era of the Greek philosophers and the advent of Jesus Christ (peace be upon him), Europe entered a period that even its own historians have called the **Dark Ages**—and rightly so. The Middle Ages were the worst phase in Europe's history, and it was this very period that laid the groundwork for the condition we now witness in the modern world. The entire globe, in time, became stained with the European disposition and temperament.
The **primary cause** of this regression was the theological dispute over the nature of Christ, in which those who upheld his divinity triumphed over the **Arian Unitarians**, who had affirmed his pure humanity. Furthermore, the Catholic Church feared the emergence of any Christian doctrine that contradicted its ideological foundations—especially the **Orthodox theology of Constantinople**, with which it was persistently in conflict.
As a result, the Church began to combat every science, theory, or idea that diverged from its views—placing **philosophy at the top of its enemies list**. For philosophy, by its very nature, **cannot coexist with polytheism**, and it necessarily depends

on **reason**, **inquiry**, and **intellectual contemplation** without negligence or surrender to dogma.

The Church thus rose to dominate the European landscape, imposing its authority upon the peoples of Europe, who were originally **migrant groups of Turkic or Mongolic origin**—migrations that had begun before the time of Christ and continued until the 7th century CE, under circumstances still **enigmatic** to both historians and philosophers of history. What deepens the perplexity is that these migrants had embraced **Arianism**—a form of monotheism that regarded Christ as a human messenger from God.[15]

---

[15] Indeed, as Gustave Le Bon noted, **the Roman world eventually crumbled under the pressure of massive waves of migration** — primarily from the East, including regions inhabited by Turkic and other nomadic peoples. These groups, according to both Le Bon and various European historians, **brought with them two dominant belief systems:**

1** .Arian Christianity**, which upheld **pure monotheism** and denied the divinity of Christ,

2 .and **pagan traditions**, remnants of pre-Christian religious systems.

At the time, the Roman Church—**representing the Trinitarian doctrine**—saw Arianism not only as a **heresy**, but also as a **political threat**. As these migratory groups settled across Europe, **the Church took the lead in assimilating or neutralizing them**, often **through coercion, missionary work, and alliances with emerging monarchies.**

The result was the **gradual dominance of Catholic orthodoxy**, accompanied by the **marginalization or eradication of Arian sects**. This episode marks a critical point in **the philosophy of history**, where **ideological conflict (Arianism vs. Trinitarianism)** intersected with **socio-political transformation (empire collapse and tribal ascendance)**—leading to a **new European identity** forged not through philosophical inquiry, but through ecclesiastical power and doctrinal imposition.

It's a textbook case of **history being written not just by victors, but by those who controlled the narrative machinery—the Church in this instance—while other versions of belief were either demonized or buried.

However, their way of life was **primitive**, so much so that ancient Europeans themselves described them as **barbarians**. In the **absence of philosophy**, the Church filled the vacuum, and **Trinitarian Christianity** spread at the expense of **Arian monotheism**.

From this context emerged the **Frankish Kingdoms**, the **Gothic Kingdoms**, and those of the **Vandals**, **Huns**, **Bulgars**, **Germanic tribes**, **Anglo-Saxons**, and other barbaric migrants. The **feudal system** persisted much as it had under Roman rule prior to the barbarian invasions. In modernity, this same system would become the **starting point for socialist and communist philosophies**, eventually culminating in the **Bolshevik Revolution** and the resulting **global ideological bifurcation**, with **capitalism rising as its ideological rival**.

Envy and rivalry then crept into those kingdoms, sparking **wars of competition and succession** that would not subside until the modern era—particularly after the **First and Second World Wars**.

Thus, **Europe's entire medieval epoch** was marked by **ceaseless strife**, layered in darkness upon darkness:

- the darkness of **ignorance**,
- the darkness of **poverty**,
- the darkness of **feudal oppression**,
- the darkness of **enslavement**,
- and the darkness of a **religious ideology** so fragile and volatile that it could never harmonize with the detached, rational, and philosophically grounded intellect.

Gustave Le Bon escreveu:

"A história falha ao explicar como o mundo romano chegou a adotar o cristianismo em dois ou três séculos. É claro que essa religião atraiu os escravos, pois os tornava iguais a seus senhores — mas isso não deveria ter parecido totalmente repulsivo para esses senhores, cuja ordem social era subvertida por tal ideia?"

Todas as explicações para essa mudança histórica monumental permanecem, até hoje, sem valor real. Por isso, tornou-se necessário recorrer aos princípios da psicologia moderna para compreendê-la.

Durante toda a sua era medieval, a Europa permaneceu em um estado de tensão e inflamação crônicas. Já enumeramos anteriormente os fatores que despertam a filosofia no ser humano: o assombro e o espanto, a dúvida, a miséria e a confusão, o chamado da consciência e o instinto filosófico inato — todos esses fatores convergiram nas sociedades europeias. Esses conflitos tornaram-se ainda mais intrincados após a queda de Constantinopla, tornando-se insolúveis. A força do esclarecimento racional cruzou-se com os conflitos contínuos entre as próprias classes aristocráticas. Somou-se a isso o intenso anseio por justiça social entre os pobres e as massas trabalhadoras — um desejo que ardia profundamente dentro delas.

Assim, essa revolução se dirigiu tanto contra a Igreja quanto contra a aristocracia. A era medieval havia transformado o continente europeu em um feixe de tubos de dinamite de alto poder explosivo — faltava apenas uma faísca. E sim, essa faísca veio, e a explosão ocorreu em ondas sucessivas que tomaram várias formas, a saber:

1. **A conquista de Constantinopla em 1453 pelos muçulmanos e suas consequências.**
   Este evento foi a raiz de todas as causas e a faísca há muito esperada que desencadeou a explosão. Ele explica todos os fenômenos subsequentes: o início da modernidade ocidental, o fim do período medieval e, de fato, o início da história humana moderna como um todo. Isso porque as potências coloniais projetaram seu pensamento sobre a humanidade por meio da força de sua visão filosófica — uma filosofia que, após a época de al-Ghazālī, foi amplamente condenada e abandonada pela maioria dos muçulmanos. Ao fazer isso, eles abriram mão dessa armadura e perderam uma arma vital e protetora.
2. **A conquista e colonização do mundo e a descoberta das Américas em 1492 — dando origem à sociologia americana e ao fenômeno do cowboy e sua filosofia associada.**
   Após a conquista de Constantinopla, os muçulmanos perderam al-Andalus, e começou a era da descoberta de novas terras e colônias orientais. Os motivos por trás do colonialismo são bem conhecidos; no entanto, nosso propósito aqui é destacar uma de suas justificativas principais: a alegação dos europeus de que seus ancestrais buscavam exportar a civilização — sobretudo a filosofia — ao mundo, sob o pretexto de que a filosofia é um produto intelectual puramente europeu.

Neste ponto, o filósofo pergunta: todas as ideias produzidas pelos filósofos do Renascimento foram verdadeiramente filosóficas? Ou algumas eram de fato filosofia enquanto outras

não passavam de sofismas? O que é a filosofia? E quais foram as consequências de seu legado filosófico? Muitas perguntas permanecem...

3. **As revoluções do Renascimento por meio da reintrodução da filosofia na Europa.**
   Textos científicos gregos e obras intelectuais orientais — preservados nas bibliotecas da Igreja Bizantina em Constantinopla — foram transmitidos à Europa, causando um choque de espanto e admiração e despertando ressentimento contra a Igreja. A filosofia despertou mentes e expôs as falhas e a fraude da Igreja. Assim, a Renascença europeia emergiu da escuridão da Idade Média como uma revolta contra a hegemonia da Igreja, que havia proibido o livre exame científico quando este contradizia sua ideologia e dogmas, enquanto explorava economicamente as classes empobrecidas em nome da religião.

Isso levou os defensores do secularismo a levantar a cabeça. Na época, não havia alternativa ao secularismo como meio de libertação da tirania e do engano da Igreja, pois o ateísmo ainda não era uma opção viável naquela era.
No entanto, o filósofo pode perguntar: a escuridão realmente se dissipou, e a luz realmente se revelou aos europeus a longo prazo?[16]

[16] O secularismo é, em sua essência, um fenômeno europeu. Originalmente, visava restringir a autoridade do Papa no Vaticano, impedindo-o de intervir nos assuntos políticos internos e externos dos Estados europeus e na vida de seus povos. Com o tempo, o conceito de secularismo assumiu uma forma mais definida e evoluiu em diversas direções — algumas das quais se mostraram construtivas, enquanto outras revelaram-se prejudiciais.

Na realidade, a modernidade corroeu gradualmente a religião até extingui-la por completo, abrindo caminho para o absurdo desenfreado em todos os domínios — religioso, social e econômico. O que se seguiu foi o caos, a barbárie e a trivialidade — expressos sob o nome de modernidade, cujo resultado final foi um conjunto de padrões intelectuais e comportamentais impostos à humanidade como se fossem uma lei cósmica, com a economia como sua manifestação principal e mais poderosa.

Para começar, três grandes correntes filosóficas emergiram:

Primeira: A escola empírica, representada por Francis Bacon (†1626).

Segunda: A escola racionalista, representada pelo sábio René Descartes (†1650).

Terceira: A escola crítica, representada por Immanuel Kant (†1804), que buscou reconciliar as duas abordagens anteriores.

Nesse ponto, a Igreja, tendo-se entranhado na consciência emocional do povo, foi desmascarada pela luz da razão. Ela também começou a buscar alternativas para garantir sua sobrevivência. A Igreja decidiu apaziguar a população europeia a partir de dentro e conquistar os emigrantes das terras recém-descobertas — aqueles que haviam fugido de sua autoridade e da classe aristocrática. Fez isso enviando seus emissários sob o disfarce de serviços voluntários, enfermagem e expressando zelo em favor dos colonos contra as populações indígenas, chegando até a abençoar suas ações.

Naturalmente, os migrantes — tendo encontrado terras selvagens — transformaram-se em senhores feudais, muito semelhantes à aristocracia e, em menor grau, à burguesia. Era

apenas lógico que a Igreja buscasse ganhar o favor desses migrantes, que antes pertenciam às classes empobrecidas, trabalhadoras e ignorantes — facilmente influenciáveis e dirigidas.

Todos esses fatores, juntamente com o apoio eclesiástico, produziram um novo padrão social no mundo, diferente de qualquer outro anterior. Na sociologia, ficou conhecido como "Sociologia Americana" — um modelo cuja filosofia subjacente sustentava que o poder faz o direito, e que os fins justificam os meios. Como resultado, o feudalismo, a apropriação de terras, o banditismo, o derramamento de sangue e o extermínio dos povos indígenas tornaram-se generalizados e normalizados.

Esse fenômeno pode ser descrito de forma sucinta como "a filosofia do cowboy" — uma cosmovisão que mais tarde deixaria um impacto profundo no futuro de todo o mundo.

Após as tendências filosóficas mencionadas anteriormente, uma nova escola de pensamento surgiu na Europa, defendida por Schopenhauer (†1860):

Quarta: A escola irracionalista. Sua ideia central é que a vontade gera a verdade absoluta, e que essa verdade absoluta não tem qualquer conexão com a razão.

Friedrich Nietzsche deu continuidade ao pensamento de Schopenhauer, hibridizando-o com as filosofias de Immanuel Kant e Charles Darwin, e assim produziu uma nova corrente intelectual conhecida como materialismo nietzschiano.

Logo, um eixo geopolítico na Europa abraçou e reforçou essa escola de pensamento, chegando a afirmar que a vontade, por si só, gera a verdade absoluta — rejeitando inteiramente a razão.

Figuras proeminentes desse eixo, como Adolf Hitler (†1945) e Benito Mussolini (†1945), promoveram ativamente essa nova filosofia, angariaram apoio para ela e incitaram hostilidade contra seus oponentes. Eles a colocaram em sua agenda política e prometeram preservá-la com as armas mais poderosas de sua época.

Enquanto isso, o eixo oposto na Europa e além promoveu sua própria ideologia filosófica, mobilizando massas em preparação para o confronto direto. À medida que a escalada ideológica se intensificava, ambos os campos buscaram consolidar e cristalizar suas doutrinas em sistemas abrangentes — de fato, paradigmas globais — apresentados como se fossem decretos divinos ou manifestações do destino cósmico.

Essa corrente irracionalista deu origem a várias escolas, incluindo:

• Existencialismo
• Heideggerianismo
• Fenomenologia, que se concentra no estudo da consciência em sua relação com os fenômenos — como os percebe e como aparecem na experiência
• Juntamente com o materialismo nietzschiano

Uma nova tendência filosófica também surgiu na Europa e em suas extensões culturais, liderada por John Toland (†1722):

Quinta: A Escola Materialista.

Essa escola ganhou força com as contribuições de pensadores como David Hartley (†1757), Joseph Priestley (†1804), Julien Offray de La Mettrie (†1751), Denis Diderot (†1784), Claude Adrien Helvétius (†1771), Jean le Rond d'Alembert (†1783), Barão d'Holbach (†1789), entre outros.

A essência da filosofia materialista é a crença de que tudo o que existe é físico. O universo, segundo essa visão, é composto por um número infinito de átomos agregados, e sua decomposição ocorre por meio da desintegração desses átomos. Essa escola ficou conhecida como materialismo mecanicista, que postula uma ontologia monista da existência material — ou seja, o ser é fundamentalmente uno e puramente material.

Os defensores dessa perspectiva argumentavam que a onipresença de Deus só pode ser concebida se Sua existência for entendida em termos materiais. Dessa escola emergiram os materialistas racionais, que sustentavam que o mundo é governado por uma necessidade racional.

Alguns adeptos europeus do materialismo mecanicista afirmavam que o ser humano é meramente uma máquina, diferente dos animais apenas em grau, e não em essência. Como resultado, os que adotaram essa filosofia passaram a tratar o ser humano como uma máquina desprovida de emoções ou valor intrínseco.

No plano metafísico, essa visão reduziu o homem a uma entidade mecanicista.

No plano ético, sustentava que o critério do bem é aquilo que produz prazer, enquanto o critério do mal é aquilo que causa dor. Assim, se um ato imoral (como o vício) gera prazer, então — segundo essa filosofia — é considerado bom.

Essa escola de pensamento deu origem a uma nova filosofia: o materialismo dialético, que representa a interpretação de esquerda da filosofia hegeliana, enquanto o idealismo representa sua contraparte à direita.

Karl Marx (†1883) e Friedrich Engels (†1895) adotaram o modelo dialético de Hegel e o reformularam — não como evolução das ideias, mas como evolução da matéria. Em sua estrutura, a verdade surge de um conflito dialético entre duas condições materiais opostas (tese e antítese), gerando uma nova síntese. Essa síntese então entra em contradição com sua própria antítese, e o processo continua em direção a um ponto final absoluto.[17]

Posteriormente, essa teoria foi desenvolvida pelo russo Mikhail Kalinin e pelo chinês Mao Zedong, que a transformaram em um sistema abrangente de materialismo dialético histórico. Eles passaram a aplicá-lo às realidades sociais, históricas e econômicas do mundo.[18]

Segundo essa lógica:

- O conflito entre o comunismo primitivo e o comunismo baseado na escravidão (duas formas opostas) produziu uma sociedade feudal como síntese.
- Depois, a sociedade feudal entrou em conflito com o capitalismo, gerando uma sociedade socialista.
- Esse processo dialético continuou até culminar na sociedade comunista, que foi imposta como resultado histórico inevitável.

Nesse sistema, o indivíduo não possui identidade nem livre arbítrio.

---

[17] Karl Marx e Friedrich Engels adotaram o hegelianismo, então decidiram "trazerem no chão", como estavam dispostos - isto é, abandonaram o significativo imóvel de investimento.

[18] Mikhail Kalinin, Um dos políticos soviéticos mais proeminentes da era revolucionária, morreu em 1946. Mao Zedong, Fundador da República da China e fundador da corrente maoísta na teoria comunista. Faleceu em 1976.

Eventualmente, surgiu um polo revolucionário global que clamava pelo socialismo — uma ideologia nascida da ideia do proletariado, na qual as classes trabalhadoras e empobrecidas assumem o controle do poder político e econômico. Isso se opunha ao capitalismo, o outro polo global teorizado por François Quesnay (1774), e que ao longo do tempo evoluiu para uma doutrina que afirmava a propriedade privada e a aristocracia feudal.

Assim, a Europa tornou-se uma vasta arena na qual todos os tipos de conflito convergiram — reunindo forças aliadas e opostas. Além das antigas disputas teológicas sobre a natureza de Cristo e as consequências das migrações arianas e germânicas para a Europa (que deram origem a fenômenos como guerras dinásticas que mais pareciam jogos de xadrez de avanço, recuo, vitória e derrota), surgiu uma nova onda de conflitos ideológicos, intelectuais, metodológicos, políticos e militares complexos. Alguns desses se entrelaçavam, enquanto outros divergiam.

Neste ponto, a Europa havia se transformado em um depósito ativo repleto de materiais altamente voláteis e explosivos ideológicos.

E aqui, o filósofo deve perguntar:

Quem acenderá a faísca? De onde ela virá? Quando? Por quê? Qual será sua forma? Qual será sua escala? E se ela vier, quais serão suas consequências e resultados? O que o mundo se tornará — e o que já foi?

Tais perguntas são apenas naturais. Elas emergem como resultado de uma contemplação profunda — e a embriaguez da ilusão se dissipa.

E essa… foi a próxima explosão.

4) A Primeira Guerra Mundial (1914–1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939–1945).

A centelha surgiu silenciosamente debaixo das cinzas, e o mal arreganhou os dentes. A guerra eclodiu, seguida logo por sua gêmea. Quando ambas chegaram ao fim, o vencedor impôs sua própria filosofia e ideologia aos vencidos. Entre os aliados dos vencedores, o mais poderoso assumiu a liderança, e os demais não tiveram escolha senão alinhar-se com suas teorias e visão de mundo. As potências coloniais ocidentais reconheceram os Estados Unidos como a força dominante — uma superpotência global, imperial e capitalista, posicionada agora como um polo mundial em oposição a outro.

Isso marcou o início de uma nova era na história da humanidade: a era pós-moderna, que se tornou a ordem global dominante, imposta ao mundo inteiro como se fosse a própria lógica da natureza, uma lei divina ou uma ordem cósmica imutável.[19]

Quanto à metade oriental do mundo, assumiu sua própria posição, e o globo foi efetivamente dividido entre dois grandes polos opostos: a União Soviética e o Pacto de Varsóvia, versus os Estados Unidos e a OTAN. Cada campo buscou atrair o mundo para sua órbita. As nações alinharam-se a um polo ou ao outro — às vezes por convicção filosófica, mas frequentemente por interesse próprio.

Formou-se um bloco, conhecido como Movimento dos Não Alinhados, que alegava neutralidade entre as duas superpotências. Contudo, na realidade, esse movimento era amplamente simbólico e dissolveu-se silenciosamente dentro

[19] .Hans Küng datou o pós-modernismo em 1918, o fim da Primeira Guerra Mundial

de algumas décadas — especialmente após o colapso do bloco oriental, nomeadamente a União Soviética em 1990. O bloco ocidental persistiu por mais algumas décadas, dando origem à próxima transformação global:

5. Globalização e a Imposição da Dominação Mundial.

Ou seja: a modelagem da humanidade segundo a imagem dos poderosos, e a imposição de sua filosofia e visão de mundo a todos os domínios da vida humana — cultural, política, econômica, social e outros. Essas filosofias foram apresentadas como valores, embora os valores, nesse esquema, sejam meramente instrumentos que servem a fins explícitos ou implícitos. Eles estão sujeitos às variáveis do tempo e do lugar. Segundo alguns filósofos ocidentais, os valores são subjetivos, ou seja, os seres humanos podem criá-los e defini-los.

Isso contrasta fortemente com Platão, que sustentava que os valores são objetivos, possuindo uma existência real além da mente — não meramente construções mentais.

A filosofia da história busca ligar os eventos históricos às suas causas subjacentes. Esforça-se para interpretar a história filosoficamente, para que possamos perceber o que está além de suas linhas visíveis ao longo do arco do tempo e do espaço.

Toda esta apresentação visou demonstrar o impacto da filosofia sobre a humanidade — sua presença direta em nossas vidas. Mesmo que os seres humanos abandonem a filosofia, a filosofia não os abandonará. Ela está embutida no núcleo da existência e da experiência humanas; é a força motriz da civilização.

Uma nação que despreza a filosofia, ou que falha em reconhecer seu valor, é uma nação desprovida de significado ou de presença genuína entre as nações.

No entanto, como vimos, a filosofia deteriorou-se entre muitos filósofos modernos e contemporâneos. Isso porque abandonaram a ciência divina (al-ʿilm al-ilāhī), pois a metafísica é a própria alma da filosofia — sem ela, a filosofia morre. Além disso, alguns pensadores corromperam sua investigação filosófica com sofismas — motivados pela vaidade ou pela loucura. A consequência foi a descida do mundo ao seu estado atual: uma realidade em que os poderosos impõem seus valores como se fossem verdades universais e imutáveis.

Esse estado de coisas parece irreversível, a menos que seja desfeito por um decreto cósmico ou por uma terceira guerra mundial. De fato, o mundo hoje começou a procurar uma nova ordem global.

É como se o Renascimento europeu nunca tivesse realmente tirado a Europa da sua escuridão medieval, mas antes estendido essa escuridão ao resto do mundo. Os filósofos renascentistas imaginaram que a filosofia consistia apenas em seguir caminhos arbitrários do pensamento, sem nenhuma lei orientadora. Abraçaram a fragmentação e a confusão, e iludiram-se pensando que podiam alterar as leis divinas e a ordem natural.

Como declarou Friedrich Nietzsche: "Nós somos os que matamos Deus." Na melhor das hipóteses, isso pode ser interpretado como significando que Deus criou o mundo e depois se retirou dele, deixando sua governança à humanidade — que o homem é capaz de mudar as leis divinas e as normas naturais.

Nietzsche também incitou a rebelião contra os valores morais, alegando que a ética foi inventada pelo rebanho — as massas

— como forma de conter a autoridade da classe nobre. Assim, declarou guerra à moralidade, e defendeu a decadência, para que o homem pudesse viver sem restrições éticas.
Mas o verdadeiro filósofo sabe que isso é erro e corrupção, e que a filosofia é inocente de tais distorções. Projetar esse tipo de pensamento sobre a humanidade é uma falácia grosseira, que nenhuma epistemologia reconheceria.
Contudo, os ignorantes, ao encontrarem tais figuras imorais que se fazem passar por filósofos, amaldiçoam a própria filosofia — acreditando que ela é sinônimo de ateísmo, blasfêmia e da remoção de todos os valores tanto do indivíduo quanto da sociedade.
Neste ponto, o filósofo deve perguntar:
Qual é a origem desse caos?
Como surgiu?
Como se tornou tão enraizado?
Quem é o responsável por isso?
Como encontrou abrigo dentro da humanidade?
Qual é a sua natureza? Qual é a sua dimensão?
E o interesse próprio pode realmente ser chamado de “valor”?
A filosofia estrutura a narrativa histórica, dá-lhe vida, interpreta as causas por trás dos eventos, ilumina as camadas da história e determina sua trajetória. A filosofia julga a história. Ela expõe as fabricações de alguns historiadores, suas interpretações enganosas e suas fracas desculpas para criminosos.
Enquanto os filósofos antigos buscavam compreender o ser, os filósofos das potências imperiais modernas abandonaram totalmente esse objetivo. Seu propósito passou a ser obscurecer o mundo, mistificá-lo e reengenhá-lo — remodelá-

lo em um molde particular, tanto em forma quanto em conteúdo, e tornar sua filosofia universal — impondo sua marca à própria existência.

Essa marca é a modernidade, em todas as suas manifestações. Esses filósofos encheram o mundo de assombro, confusão e miséria, transformando-o em uma ordem trivial e absurda. Eles, de todas as pessoas, não deveriam ter sido a causa do assombro.

E assim, todos os que não se armaram com a filosofia — ou que se esqueceram de que “no princípio era a filosofia” — sucumbiram às condições da modernidade.

"No fim, como no princípio, resta apenas a filosofia — não como resposta, mas como o impulso eterno de perguntar, de buscar, de ser."

No Princípio er a Filosofia

Uma introdução à filosofia para jovens mentes

Auteur : Al-Hussein bin Haidar